

PARA UMA EPISTEMOLOGIA DA DOUTRINA ESPÍRITA

Eduardo Lima⁴²

É o espiritismo a religião de todas as ciências; é a ciência de todas as filosofias; é a filosofia de todas as religiões, porque só o espiritismo pode ajudar a ciência a sair do labirinto em que se encontra por causa do materialismo.

(Vianna de Carvalho)

INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste artigo é apresentar e, conceitualmente, clarificar uma epistemologia, que julgamos estar presente no pensamento de Allan Kardec⁴³. Allan Kardec é o nome que o pedagogo fran-

⁴² Doutor em Filosofia, UFMG. Realizou o seu estágio de doutoramento na Université Catholique de Louvain — Bélgica. Presidente e Curador do Memorial Bezerra de Menezes — MEBEM. Coordenador do canal no YouTube de divulgação científica e produção de documentários históricos — Grupo de Estudos Hermínio C. de Miranda. Escritor e conferencista. Pesquisador do Núcleo de Estudos de História do Espiritismo (NUESHE). E-mail: eduardoandrerlima@gmail.com

⁴³ Desde a antiguidade grega, existem estudos epistemológicos na Filosofia. Usado pela primeira vez pelo filósofo escocês James Frederick Ferrier, o termo epistemologia é composto das palavras “episteme” e “logos”. Episteme significa “conhecimento” e Logos significa “palavra”, embora seja mais usado no sentido de “estudo” ou “ciência”. Neste artigo, o termo indica a “teoria do conhecimento” ou o estudo da normatividade, possibilidade e inteligibilidade do conhecimento. Trata-se de examinar a relação entre conhecimento, crença e verdade. Cf. p. ex., TESSER, Gelson João. Para ele, “atarefa principal da epistemologia consiste na reconstrução racional do conhecimento científico, conhecer, analisar, todo o processo gnosiológico da ciência do ponto de vista lógico, lingüístico, sociológico, interdisciplinar, político, filosófico e histórico”. Artigo: Principais linhas epistemológicas contemporâneas. Disponível

cês Hippolyte Léon Denizard Rivail adotou, a partir de 1857, quando lançou a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, a obra fundadora do Espiritismo. Especificamente, evidenciamos as afinidades entre as formulações kardecistas e as reflexões de Thomas Kuhn, destacando uma teoria do conhecimento que propõe uma aliança epistemológica entre Ciência e Religião, naturalizando o sobrenatural, reformulando conceitos tradicionais e indicando o declínio do paradigma materialista⁴⁴.

Allan Kardec alegou que, “ao olhar para Deus, para a morte e para o mundo espiritual”, não se fundamentou em metafísica, dogmas, hierarquias ou livros sagrados. Para ele, os seres espirituais e a reencarnação, por exemplo, existem na natureza e podem ser acessados por métodos experimentais. A Ciência, em algum momento futuro — caso utilize os métodos e as teorias corretas — desvelará e aceitará tais realidades. Trata-se de uma peculiar teoria do conhecimento que estabelece uma aliança epistemológica entre a Ciência e a Religião que pretende naturalizar, e consequentemente, findar o sobrenatural. A Doutrina Espírita possui ainda implicações filosóficas no campo da Ética e da Filosofia da História que, neste artigo, não serão tratadas.

em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.131>. Acesso em: 11 out. 2025. Logo, iremos investigar e esclarecer a existência e a natureza conceitual de uma perspectiva filosófica sofisticada no pensamento de Allan Kardec.

⁴⁴ Utilizamos o conceito de paradigma como indicou Kuhn, T. na obra *A estrutura das Revoluções Científicas* de 1970, considerando ainda as modificações efetuadas pelo próprio autor, a partir de 1974. [...] O termo “paradigma” é usado em dois sentidos diferentes. De um lado, indica toda a constelação de crenças, valores, técnicas etc. partilhadas pelos membros de uma comunidade determinada. De outro, denota um tipo de elemento constelação: as soluções concretas de quebra-cabeças que, empregadas como modelos ou exemplos, podem substituir regras explícitas como base para a solução dos restantes quebra-cabeças da ciência normal. KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. 12ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 280.

ALLAN KARDEC E A CRIAÇÃO DA DOUTRINA

Nos últimos anos, há um crescimento quantitativo de dissertações e teses de doutorado sobre o Espiritismo. Isso ocorreu em áreas bastante distintas como a Sociologia, a Medicina e as Artes, e este artigo procura fazer parte deste movimento. Atualmente, os excelentes trabalhos de Pimentel e Incontri são o que mais se aproximam do nosso. Ao apresentar a hipótese da sua tese, Pimentel indica que:

A hipótese central da tese é que o espiritismo se apresentou como uma moderna forma de aproximação das relações entre ciência e religião, em um momento histórico marcado pela secularização do pensamento e da sociedade, buscando conciliar dois saberes que caminhavam para a polarização, em um conflito cujas partes afirmavam ser inconciliáveis (PIMENTEL, 2019, p. 19).

Parece-nos correta a tese de que o Espiritismo se apresentou como uma moderna forma de aproximação das relações entre a ciência e a religião em um momento no qual ambas se enxergavam como inconciliáveis. Com efeito, a nossa pretensão é ir além de indicar que esta “moderna forma” é uma bem estruturada e peculiar epistemologia que procura unir Ciência e Religião, apontando os seus limites teórico-metodológico e indicando a necessidade de um novo paradigma.

Neste artigo, o termo “peculiar” já foi usado algumas vezes para adjetivar a epistemologia de Allan Kardec. Isso acontece porque concordamos plenamente com Incontri:

A ideia de Kardec de querer naturalizar o sobrenatural e tornar acessível ao método científico a demonstração da existência do espírito, embora possa parecer de caráter positivista, por enaltecer o método científico — é de Kardec e só de Kardec.

Essa é justamente a sua originalidade. Não estava entre os espiritualistas tradicionais, não estava entre os positivistas do século XIX, muito menos em Comte. Então, essa intenção (concretizada ou não, dependendo da aceitação das evidências que ele apresentou e das confirmações que se deram nos séculos XIX, XX e XXI) (INCONTRI, s/d).

Até onde investigamos, efetivamente, Incontri parece correta. Esta epistemologia “é de Kardec e só de Kardec” e tal originalidade — que independe da sua aceitação — é mais uma justificativa importante para um estudo sobre o seu pensamento.

Evangelista, por sua vez, também indicou que o pedagogo francês deixou um arcabouço teórico de amplo espectro epistemológico.

Ao codificar a DE, Kardec entendia que estava concedendo às civilizações um arcabouço teórico de amplo espectro epistemológico, de fundo metafísico, capaz de subsidiar a ciência da religião, sob qualquer enfoque teológico, por se tratar de um lastro elucidativo da dinâmica do espírito eterno, em suas múltiplas experiências interexistenciais. Na perspectiva de estabelecer um traço de união e diálogo consistente entre ciência e religião fundamentado nos postulados filosóficos espiritualistas, que transcendem os limites finitos da razão pura kantiana e revelam, por seu desdobramento moral, elevado conteúdo religioso. Como derivação hermenêutica da releitura elucidativa dos ensinamentos crísticos, emerge o paradigma do espírito (EVANGELISTA, 2013).

A nosso ver, Allan Kardec não se fundamentou, exatamente, em um plano metafísico — como ele mesmo afirmou — dada a perspectiva de que os seus princípios doutrinários estão presentes na natureza. Ele

não poderia ser mais claro quando explicou que “Até ao presente, o estudo do princípio espiritual, compreendido na metafísica, foi puramente especulativo e teórico. No Espiritismo, é inteiramente experimental”⁴⁵. Todavia, não olvidemos que a Doutrina afirma a existência de um Deus criador que, simplesmente, é a primeira pergunta do primeiro livro de Kardec: *O Livro dos Espíritos*, de 1857. A instigante problemática teológico-metafísica que envolve a questão não será tocada nos limites deste artigo. Situamos somente que Deus é apresentado como um “Ser” criador e inteligente, “cujas qualidades e moral” podem ser somente vislumbradas, em face da limitadíssima linguagem e cognição humanas. Aqui, já se pode questionar: “Quem foi Allan Kardec?” Infelizmente, uma biografia de Allan Kardec realizada por historiadores profissionais ainda está por ser escrita. Todavia, podemos e devemos indicar alguns pontos interessantes para os nossos objetivos.

A mãe do jovem Allan Kardec lhe proporciona uma riquíssima educação na Escola de Yverdon. Um Castelo-Escola fundado e dirigido pelo suíço Johann Heinrich Pestalozzi, um dos grandes pedagogos da história. Além de Allan Kardec, estudaram nesta escola nomes como Ramsauer, Carl Ritter, Froebel e Zeller. Segundo Incontri:

Pestalozzi foi um dos pioneiros a proclamar a necessidade de uma ciência pedagógica, tendo procurado durante toda a sua carreira incorporar a observação empírica à teoria. Sem cair no extremo dos idealistas, seus contemporâneos (alguns, a exemplo de Fichte, se inspiraram nele), Pestalozzi não embasou a pedagogia em especulações filosóficas altamente elaboradas, ao invés, fincou sempre o pé na realidade. Mas também não alijou sua proposta das reflexões e até das intuições necessárias,

⁴⁵ KARDEC, Allan. A Gênese, Cap. IV, item 16 — Papel da Ciência na Gênese. Disponível em: https://www.ipeak.net/site/estudo_janela_conteudo.php?origem=4191&idioma=1. Acesso em: 11 out. 2025.

como fizeram vários de seus sucessores, que adotaram o positivismo científico (INCONTRI, 2006).

Após cumprir sua educação formal, ele chega a Paris como *Chef d'institution* e se apresenta como discípulo de Pestalozzi. Aos 19 anos, Rivail já tinha publicado o *Cours pratique et théorique d'arithmétique, d'après la méthode de Pestalozzi*. Depois, ele participaria de pelo menos treze importantes Academias, Institutos e Sociedades. A figura do professor que nos apresenta é a de um erudito dotado de uma vasta gama de interesses científicos e sociais. Todavia, enquanto Kardec se tornava um conhecido e respeitado pedagogo, um estranho fenômeno mundial começava a acontecer em Paris e isto mudaria a sua vida para sempre. O famoso crítico e literato francês Julio Janin resume bem os eventos.

Toda a Europa (que digo eu, a Europa?), neste momento, o mundo inteiro tem o espírito voltado para uma experiência que consiste em fazer girar uma mesa. Só se ouve falar, por toda parte, da mesa que gira; o próprio Galileu fez menos ruído no dia em que ele provou ser realmente a Terra quem girava em torno do Sol. Ide por aqui, ide por ali, nos grandes salões, nas mais humildes mansardas, no ateliê do pintor, em Londres, Paris, em Nova York, em São Petersburgo — e vereis pessoas gravemente assentadas em torno de uma mesa vazia, que eles contemplam à semelhança daqueles crentes que passam a vida a olhar seus umbigos! Oh! A mesa! Ela fez tábua rasa dos nossos prazeres de todas as tardes (JANIN, 1853).

Em meados do século XIX, pessoas de várias regiões do mundo acreditavam que conseguiam fazer mesas flutuarem e levitarem. Trata-se do fenômeno das mesas girantes que marcou o Espiritualismo Moderno. Em 1855, Rivail participou pela primeira vez, de uma destas estranhas

sessões. Ele informará que testemunhou uma comunicação com o além por meio de uma cesta que tinha um lápis fixado ao fundo, sobre uma ardósia. A cesta era apoiada pelas mãos de duas pessoas e conseguiria escrever mensagens de espíritos. Tratava-se de um objeto chamado de cesta-pião. Os testemunhos de Kardec são impressionantes.

Vi também algumas tentativas, muito imperfeitas, de escrita medianímica, sobre uma ardósia, com a ajuda de uma cesta. As minhas ideias estavam longe de ser detidas, mas havia ali um fato que deveria ter uma causa. Entrevi, sob essas futilidades aparentes e a espécie de jogo que se fazia desses fenômenos, alguma coisa de séria, e como a revelação de uma nova lei, que me prometia aprofundar⁴⁶.

Enquanto a maioria das pessoas via nos fenômenos um divertido entretenimento de salão e fazia perguntas banais, o pedagogo francês simplesmente passou a acreditar que, ali, existia algo extremamente relevante e real cuja causa poderia indicar nada menos do que a revelação de uma nova lei, que ele prometia a si mesmo investigar com mais acuidade.

Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método da experimentação; jamais ocasionei teorias preconcebidas: observava atentamente, comparava, deduzia as consequências; dos efeitos procurava remontar às causas, pela dedução e o encadeamento lógico dos fatos, não admitindo uma explicação como válida, senão quando

⁴⁶ Alguns textos de Allan Kardec foram retirados do site: Iniciação de Allan Kardec no Espiritismo. Disponível em: https://www.guia.heu.nom.br/AllanKardec_IniciacaoNoEspiritismo.html. Acesso em: 11 out. 2025. Eles foram cotejados com os originais em francês. As traduções comparativas entre os textos, as quais poderiam constar nos rodapés, não são apresentadas, mas são de nossa responsabilidade. As possíveis discordâncias serão indicadas em rodapé.

podia resolver todas as dificuldades da questão. Foi assim que sempre procedi em meus trabalhos anteriores, desde a idade de 15 a 16 anos⁴⁷.

Não é relevante, para este artigo, demonstrar e analisar totalmente os interessantes métodos que Allan Kardec utilizou para investigar os curiosos fenômenos que invadiram a Europa em meados do século XIX. Faremos isso na medida em que será importante para a compreensão da sua Epistemologia. A priori, Kardec não acreditou que os fenômenos aconteciam em razão de fraude, magnetismo ou espíritos. Ele alega que, simplesmente, observava os fatos e, racional e friamente, deduzia suas conclusões. Os primeiros resultados gerais são descritos grandiloquentemente.

Compreendi, desde logo, a seriedade da exploração que iria empreender; entrevi, nesses fenômenos, a chave do problema, tão obscuro e tão controverso, do passado e do futuro da Humanidade, a solução do que havia procurado em toda a minha vida; era, em uma palavra, toda uma revelação nas ideias e nas crenças; seria preciso, pois, agir com circunspeção, e não levianamente; ser positivo e não idealista, para não se deixar iludir⁴⁸.

Não acreditamos que este tipo de escrita tenha sido feito para, forçosamente, impressionar. Parece-nos que o pedagogo Rivail era um homem que media muito bem as palavras. O que temos é um intelectual ponderado, mas apresentando ao mundo, com toda a gravidade possível, a ideia de que os fenômenos observados acabariam por revelar algo que,

⁴⁷ Texto de Allan Kardec retirado do site: Iniciação de Allan Kardec no Espiritismo. Disponível em: https://www.guia.heu.nom.br/AllanKardec_IniciacaoNoEspiritismo.html. Acesso em: 11 out. 2025.

⁴⁸ Texto de Allan Kardec retirado do site: Iniciação de Allan Kardec no Espiritismo. Disponível em: https://www.guia.heu.nom.br/AllanKardec_IniciacaoNoEspiritismo.html. Acesso em: 11 out. 2025.

simplesmente, seria “a chave do problema, tão obscuro e tão controverso, do passado e do futuro da Humanidade”. Sim, Kardec fala de algo que desvelaria um problema crucial para todo o nosso planeta. Obviamente, o leitor deste artigo não precisa concordar, de nenhum modo, com as conclusões de Allan Kardec ou com as nossas argumentações, todavia, parece-nos bem difícil duvidar que a pergunta “existe vida após a morte?” é uma indagação que guarda alguns dos mais graves mistérios do passado e do futuro da humanidade. Quando consideramos isto, parece-nos que a reação de Kardec foi, de fato, bastante apropriada, afinal, ele acreditou que os espíritos dos mortos eram a causa dos fenômenos. Esta conclusão, por si só, demanda de imediato o fim do paradigma materialista que estava presente no tempo de Kardec e que, diga-se de passagem, ainda é o nosso paradigma. Kardec, diferentemente das outras pessoas, faz perguntas profundas para estes supostos espíritos e julga receber respostas à altura. De fato, ele dirá que as respostas estavam compondo uma verdadeira Doutrina, algo que deveria ser divulgado para a humanidade. Depois, em uma outra sessão, um espírito disse que ele teria sido, em uma reencarnação passada, um druida de nome Allan Kardec. Ele adotou o nome ao organizar o primeiro livro espírita da humanidade. Organizar as respostas, teorizar sobre elas, pesquisar e divulgar tudo em forma de livros, revistas e palestras será a tarefa que ocupará o resto de sua vida, tendo falecido em 1869. Vamos analisar, agora, a epistemologia presente em seu pensamento.

Um ponto imediatamente crucial para a compreensão da Doutrina é o de que os Espíritos que respondiam às perguntas, sendo somente homens desencarnados, não tinham, para Allan Kardec, a plena sabedoria. O seu saber era uma opinião que, apesar de privilegiada, estava limitada ao grau de seu maior ou menor adiantamento. Isso implica nada menos do que a negação imediata de quaisquer Doutrinas que envolvam céus, infernos eternos ou revelações sagradas, divinatórias e imateriais. Ao contrário, Allan Kardec estava convencido de que analisou “mesas e cestas” que eram objetos cotidianos e que, via médiuns ou dos objetos, conversou somente com seres humanos, apesar de mortos.

EPISTEMOLOGIA EM ALLAN KARDEC

A metodologia de pesquisa de Kardec é ampla e variada e, ele mesmo, a descrevia detalhadamente, posto que ele queria que os seus leitores acompanhassem seus passos e as deduções de todo o processo. Segundo ele, a crença em espíritos só aconteceu após o descarte rigoroso das hipóteses da fraude, das ações involuntárias, do magnetismo e do poder da mente. Ou seja: quando todas as opções do paradigma vigente teriam se esgotado. A existência de um pensamento epistemológico na Doutrina repousa no fato de que ele também fez questão de, cuidadosamente, teorizar sobre as suas descobertas e metodologias, fato que não é nada óbvio. Ele poderia, simplesmente, ter descrito os fenômenos e organizado as perguntas.

Kardec apresentou perspectivas muito abrangentes, tanto em termos teóricos como metodológicos. A escrita de Kardec procurava ser clara e precisa, ao mesmo tempo em que adotava rigor conceitual. De fato, ele informava quando suas conclusões eram provisórias ou, simplesmente, mudava de ideia em face de novas pesquisas. Quanto aos médiuns, ele analisava a formação educacional, o caráter ou alguma possível exploração financeira dos fenômenos. Ele fazia cuidadosas pesquisas de campo e, criticamente, coletava informações e depoimentos. Por fim, Allan Kardec, enquanto criava a Doutrina, procurava utilizar a melhor bibliografia e cotejar as informações, que julgava serem dadas por desencarnados, com as melhores pesquisas científicas disponíveis. Todavia, tudo isto ainda faz parte daquilo que sustentamos, ser o que T. Kuhn chamaria de “Ciência Normal”, ou seja, seriam metodologias de pesquisa e escrita já consagradas nos labores acadêmicos. Allan Kardec ainda vai elaborar teorias e métodos inéditos em face de algo que, para ele, seria incontornável: a confirmação de que existem espíritos. Isso seria, para nós, produzir o que Kuhn chamaria de “ciência revolucionária”. O melhor exemplo disso é provavelmente *O Livro dos Médiuns*, que, em suma, não deixa de ser um manual detalhado de novas teorias e métodos acerca de como bem estabelecer um diálogo produtivo e seguro com os espíritos.

Allan Kardec acreditava que o Espiritismo era uma ciência, todavia, isso não significa que ele, ingenuamente, também acreditasse que a Doutrina já havia se inserido nas academias. Ele acreditava que o Espiritismo deveria e se tornaria paradigmático, embora não empregasse este termo. Somente assim, a Doutrina poderia fechar o seu ciclo no caminho de se tornar uma ciência:

Pelo fato de o Espiritismo não desfrutar ainda dos direitos de cidadania no âmbito da ciência oficial, poder-se-ia prejudicar a questão? [...] Não há ninguém de bom senso que não faça justiça aos sábios, embora reconhecendo que não são infalíveis e que seu julgamento, assim, não representa a última instância. (KARDEC, 2018)

Em Kardec, era muito importante, mas não absolutamente suficiente, que o Espiritismo tivesse objetos de estudos determinados e métodos experimentais rigorosos, caso almejasse se tornar uma Ciência. Com efeito, em vários momentos cruciais, a Doutrina Espírita é apresentada como algo que pertence ao futuro da humanidade. Um futuro no qual o seu processo de cientificização se completaria com uma triunfal e inevitável entrada nas Universidades.

Isso ocorrerá por uma razão: os seus princípios existem na natureza; e, se existem, serão factualmente reconhecidos pelos cientistas que os investigarão e encontrarão em suas conclusões, as melhores respostas para os seus problemas. Em outras palavras: a própria natureza epistêmica da Doutrina Espírita a levará para as academias. Um leitor apressado encontrará somente as várias críticas que Kardec teceu contra os cientistas, os céticos e os materialistas, mas muitas vezes, ele indica, ao seu modo, que cientistas são sujeitos historicamente situados, e que possuem convicções religiosas e políticas que interferem em seus julgamentos. No entanto, isso não pode nublar — sem o prejuízo de um bom entendimento do que seja a sua teoria do conhecimento — o imenso respeito que ele também guarda pela Ciência e por estes mesmos

cientistas. Ou seja, Kardec, como veremos melhor, critica a Ciência ao mesmo tempo em que espera que o Espiritismo se torne científico. Em suma, não encontramos nisso nenhuma contradição, dado que ele não critica a Ciência, mas o que ele faz é criticar, mais especificamente, a ciência materialista. E ele não critica, genericamente, os cientistas, antes, ele esclarece que:

As ciências ordinárias assentam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular livremente; os fenômenos espíritos repousam na ação de inteligências dotadas de vontade própria e que nos provam a cada instante não se acharem subordinadas aos nossos caprichos. As observações não podem, portanto, ser feitas da mesma forma; requerem condições especiais e outro ponto de partida. Querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem. A Ciência, propriamente dita, é, pois, como ciência, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo⁴⁹.

O problema central é teórico-metodológico. Para ele, os cientistas foram treinados para lidar com fenômenos naturais que podem ser coletados, matematizados, testados e controlados em laboratórios. Todavia, espíritos teriam livre-arbítrio e isso os torna objetos de investigação completamente diferentes. Eles se apresentam se desejarem, se lhes for permitido e se as reuniões mediúnicas forem adequadas. Eles não podem, simplesmente, ser pesados, matematizados ou controlados. Para o nosso pedagogo, qualquer um que deseje investigar seriamente o mundo espiritual precisaria entender, com clareza, as inéditas exigências epistêmicas do estranho objeto escolhido.

⁴⁹ KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns, cap. II; ou ainda mais afirmações deste tipo em: Revista Espírita, dezembro de 1861, e janeiro de 1862.

Os do Espiritismo têm como agente inteligências que possuem sua independência, seu livre-arbítrio, e de modo algum se submeteriam aos nossos caprichos; escapam, dessa forma, aos nossos processos anatômicos e laboratoriais, bem como aos nossos cálculos e, assim, não são da competência da ciência propriamente dita. A ciência se enganou ao querer experimentar os Espíritos como se o fizesse a uma pilha voltaica; partiu de uma ideia fixa, preconcebida, à qual se aferra, e quer forçosamente ligá-la à ideia nova. Fracassou, e assim devia acontecer, porque agiu tendo em vista uma analogia que não existe (KARDEC, 1859).

Isso é tão epistemologicamente relevante que, após se convencer da existência de seres extracorpóreos, uma das metas prementes de Kardec seria estabelecer novos protocolos, teorias e instrumentais que dariam segurança e aperfeiçoariam a comunicação entre os dois planos da existência. Ele escreve, então: *O Livro dos Médiuns* e espera confiante — além de, metodologicamente inovador — que a Doutrina Espírita se torne, como diria Kuhn um século depois, paradigmática. Talvez, neste ponto, ele quase tivesse utilizado a palavra “paradigma”.

Que novo horizonte se abre ao nosso pensamento! Que vasto campo de observação! A descoberta do mundo invisível seria bem diversa daquela dos infinitamente pequenos; seria mais que uma descoberta: seria uma completa revolução nas ideias (KARDEC, 1859).

Allan Kardec não utiliza o termo paradigma, mas ele tem grande clareza a respeito do que seria uma constelação de crenças, valores e técnicas capazes de solucionar problemas concretos e fortalecer (ou negar) visões de mundo compartilhadas pelas comunidades de cientistas. Este conhecimento profundo lhe propiciou uma imensa confiança no futuro

da Doutrina. Tal confiança, deste modo, não parece suscitada por orgulho ou vaidade. O que temos é um homem que tanto admira profundamente a Ciência, como compreende e critica duramente os seus limites paradigmáticos. Mas ele não somente critica, ele também estabelece novos protocolos, instrumentos e teorias, o que, como veremos, Kuhn chamaria de “ciência revolucionária”. O paradigma da vez, que deveria ser destronado, é claramente nomeado por Kardec: trata-se do materialismo e a imensa revolução que representa a sua quebra também exige uma nova concepção de religião e, por conseguinte, de fé. De fato, às vezes, textualmente, a Doutrina seria uma religião, em outras uma ciência ou ainda uma filosofia. Isto gerou desentendimentos mais ou menos graves entre os seus adeptos.

Com efeito, parece-nos que existem duas situações que interferem no modo como Allan Kardec apresenta o Espiritismo: uma política e uma epistemológica. E elas não são auto excludentes. Não trabalharemos neste artigo a parte política, apenas lembremos que o momento histórico no qual os princípios da Doutrina são criados, ou seja, entre 1857 e 1869, ocorreu durante o autoritário governo de Napoleão III. Além disso, a própria Igreja também demandaria a prudência de Kardec. No estatuto da primeira sociedade espírita que estabelecerá, consta que são defesas as questões políticas, de controvérsia religiosa e de economia social. Assim, a apresentação pública da Doutrina como uma filosofia e, não como uma religião, evitaria sérios problemas, dado que o espiritismo seria visto apenas como um grupo científico e filosófico (PIMENTEL; 2019). Todavia, além da afirmação ser politicamente cautelosa, Allan Kardec, efetivamente, também levou às últimas consequências as implicações morais da Doutrina que organizou. Logo, a Doutrina seria uma filosofia com consequências morais. Com isso, entende-se a razão dos seus adeptos afirmarem que a Doutrina tem um tríplice aspecto.

Não há tal expressão em sua obra, mas, efetivamente, ele forneceu material teórico para muitos estudiosos acreditarem nisso, para o bem e para o mal. De fato, Kardec se esforça para esclarecer bem os seus problemas epistemológicos, mas, é claro, em seus próprios termos. A chave do problema, como veremos, é que, em Kardec, os sentidos

conceituais tradicionais de “Religião” e de “Ciência” devem ser superados em nome de um novo paradigma do conhecimento humano. A solução, portanto, reside na sua própria teoria do conhecimento e não estamos sendo redundantes ou circulares ao afirmar isso. Trata-se da superação do materialismo mediante uma epistemologia que procura unir a Ciência com a Religião, gerando também um novo conceito de fé.

O materialismo, porque o materialista não crê em coisa alguma; ora, o Espiritismo é a negação do materialismo, que já não tem razão de ser. Não é mais pelo raciocínio, pela fé cega que se diz ao materialista que nem tudo se acaba com o corpo; é pelos fatos visíveis e palpáveis que se mostram. (KARDEC, 2018)

A nova “fé científica” pretendida por Kardec é, sem dúvidas, singular, como afirmou Incontri. Os espíritos não se manifestaram via visões oníricas, textos sagrados ou videntes privilegiados. A mediunidade poderia ser constatada através do exame experimental de mensagens, com os seus conteúdos, grafias e linguagens rigorosamente examinadas. Os médiuns poderiam e deveriam, por sua vez, ser submetidos a vários tipos de críticas e de investigações práticas. A comunidade dos homens que se dedicarem ao exercício mediúnico poderia aprender, treinar e testar suas habilidades de modo totalmente experimental. O véu do sobrenatural teria sido levantado e o futuro, inevitavelmente, se tornaria um campo de esperanças, posto que o Espiritismo poderá encarar a Ciência de qualquer época, dado que, ele mesmo, se tornaria paradigmático, ou nas palavras de Kardec: uma ciência experimental e não metafísica.

O sobrenatural desaparece à luz do facho da Ciência, da Filosofia e da Razão, como os deuses do paganismo ante o brilho do Cristianismo. Sobrenatural é tudo o que está fora das leis da Natureza (KARDEC, 2013).

O materialismo seria vencido não por forças obscurantistas, mas por cientistas que se dispusessem a entender os seus limites e a criar estudos, métodos e protocolos inovadores. O sobrenatural seria apenas tudo o que a Ciência, momentaneamente, ainda desconhece, posto que os cientistas, em algum momento futuro, avançarão experimentalmente nas brumas do além-vida, encontrando, para Kardec, somente mais uma natureza — certamente bastante diferente — mas tão real quanto os fenômenos da existência terrena. Com isso, os milagres também deixarão o campo do sobrenatural e a Doutrina se tornará uma ciência.

Os limites do que lhe pertence, o Espiritismo repudia todo efeito maravilhoso, isto é, fora das leis da Natureza; ele não faz milagres nem prodígios, antes explica certos efeitos, em virtude de uma dessas leis, demonstrando assim a sua possibilidade. Ele amplia igualmente o domínio da Ciência, e é nisto que ele próprio se torna uma ciência; [...] ele corresponde às aspirações do homem, no que se refere ao seu futuro; e como a sua teoria do futuro repousa sobre bases positivas e racionais, ela agrada à ideia positivista do nosso século. É o que compreenderão, quando se derem ao trabalho de estudá-lo⁵⁰.

Quando Kardec indica que o seu método investigativo foi positivo, ele não quer dizer que a sua Doutrina é positivista⁵¹. De fato, ele

⁵⁰ KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns, cap. II; Revista Espírita, dezembro de 1861, e janeiro de 1862.

⁵¹ Concordamos com INCONTRI, Dora: Aliás, se ele qualificou explicitamente o espiritismo como uma forma de espiritualismo, jamais ele declarou que o espiritismo tivesse algum parentesco com o positivismo. Ao mesmo tempo, os positivistas contemporâneos de Kardec nunca revelaram nenhuma simpatia pelo espiritismo nascente. Ao invés, localizamos, por exemplo, um longo artigo de Littré, um dos grandes discípulos de Comte, apontando magia, doença mental e justamente ausência de cientificidade em todo o movimento das mesas girantes. Artigo: Teria Kardec alguma relação com Maine de Biran? p. 6

crítica, em vários momentos, pontos fundamentais do positivismo. O “positivo” na linguagem de Kardec implica, sobretudo, o fim da metafísica enquanto método de investigação do sobrenatural.

Em todos os tempos foram considerados sobrenaturais os fenômenos cuja causa não era conhecida; porém, cada nova lei descoberta pela Ciência fazia recuar os limites do sobrenatural. Pois bem! O Espiritismo vem revelar uma nova lei, segundo a qual a conversação com o Espírito de um morto repousa sobre um fato tão natural como o que se dá por intermédio da eletricidade, entre dois indivíduos separados por uma distância de cem léguas. O mesmo acontece com os outros fenômenos espíritos (KARDEC, 2011).

Novamente, temos Kardec não negando a Ciência, mas falando sobre a sua transformação em algum futuro da humanidade. O campo dos eventos sobrenaturais se restringirá à medida que o da Ciência avança na descoberta de leis tão naturais quanto as leis da física do mundo corpóreo. De fato, a teórica do conhecimento de Kardec nos parece ainda mais interessante quando refletimos que ele poderia ter apenas criticado a Ciência e assumido uma postura tradicionalmente religiosa ou mística. Todavia, o seu conhecimento e a sua admiração pela Ciência e pelos cientistas o fizeram teorizar sobre os limites do paradigma vigente e sonhar com toda uma verdadeira revolução das ideias, ou melhor, de um paradigma inédito e peculiar que tem a instigante pretensão de unir a Ciência com a Religião. O sobrenatural será naturalizado e a fé dogmática deixará de existir.

Para o vulgo ignorante, todo fenômeno cuja causa é desconhecida passa por sobrenatural, maravilhoso e miraculoso; uma vez encontrada a causa, reconhece-se que o fenômeno, por muito extraordinário que pareça, mais não é do que aplicação

de uma Lei da Natureza. Assim, o círculo dos fatos sobrenaturais se restringe à medida que o da Ciência se alarga⁵².

Não devemos perder de vista que as críticas de Kardec jamais negam a Ciência e, nisto também, a consciência epistêmica de Allan Kardec se mostra aguda. Ele conhece bem os tradicionais limites teórico-conceituais entre a Ciência e a Religião e indica as características do novo modelo paradigmático que está construindo. Repousa aqui a solução da indagação que parece perturbar o movimento espírita desde o século XIX: o espiritismo seria uma Religião ou uma Ciência? (NOGUEIRA, 2022). Em suma, a confusão reside em uma falta de percepção epistemológica no trato desta indagação. Problema que o próprio Kardec entreviu e procurou clarificar da melhor forma, embora sem o uso pleno de um vocabulário técnico da Filosofia. Todavia, entendemos que ele ainda expôs claramente que os conceitos tradicionais de Religião e Ciência são limitados diante de suas singulares descobertas. Sim, a nova Ciência do futuro albergaria espíritos e a vida após a morte, entretanto, tais objetos deverão ser racional e experimentalmente investigados. O sagrado e o místico tradicionais deixam de existir em face de um mundo espiritual tão real e natural quanto o mundo físico. Uma realidade paralela visível a todos que consigam entender e trabalhar com as suas inéditas exigências epistêmicas. Com isso, considerando o fim do materialismo, para Kardec, o Espiritismo seria uma religião e uma ciência, ao mesmo tempo que também seria uma Filosofia com consequências morais.

A Ciência e a Religião não puderam, até hoje, entender-se, porque, encarando cada uma as coisas do seu ponto de vista exclusivo, reciprocamente se repeliam. Faltava com que encher o vazio que as separava, um traço de união que as aproximasse.

⁵² O Livro dos Médiuns, capítulo II / Revista Espírita, dezembro de 1861, p. 393, e janeiro de 1862, p. 21.

se. Esse traço de união está no conhecimento das leis que regem o universo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo, leis tão imutáveis quanto as que regem o movimento dos astros e a existência dos seres. Uma vez comprovadas pela experiência essas relações, nova luz se fez: a fé dirigiu-se à razão; esta nada encontrou de ilógico na fé: vencido foi o materialismo⁵³.

O elo fundamental é o entendimento epistemológico de que o sobrenatural, o tradicional campo do místico, foi naturalizado; e o experimental, o campo da Ciência, passou a investigar o pós-morte. Veremos que, se considerarmos o vocabulário técnico de Kuhn, a presença experimentalmente verificada dos espíritos seria os objetos anômalos que perturbam o paradigma materialista e estabelecem um momento de crise entre os estudiosos. A situação é resolvida com a descoberta de novas leis científicas que, forçosamente, demandam um novo vocabulário conceitual. Kardec, então, não critica, especificamente, a ciência, os cientistas ou os religiosos. Ele indaga de várias formas: como os cientistas podem afirmar que o fenômeno das mesas girantes não é causado por entidades extracorpóreas se eles não conseguem investigar, corretamente, os fenômenos? Através destas instigantes sutilezas epistêmicas, é que o pedagogo francês tece as suas principais críticas aos céticos e aos religiosos. Em suma, Kardec sabia, do modo dele, que um entendimento sobre as necessidades teórico-metodológicas que cercam uma crise paradigmática se torna incontornável para qualquer pesquisador que investigue, seriamente, um fenômeno anômalo. E ele sabia, a seu modo, que novos paradigmas podem destruir milenares conceitos tradicionais, forçando a criação de novas visões de mundo.

O que o pedagogo francês não sabia é que, 105 anos após a publicação da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, um estadunidense

⁵³ KARDEC, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo. 131ª edição — 1ª impressão, p. 45.

chamado Thomas Samuel Kuhn, que seria físico, historiador e epistemólogo, lançaria, em 1962, a obra *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Quais são as semelhanças entre as ideias de ambos?

KUHN E O FIM DE UM PARADIGMA

Kuhn entende que a aparição de um fenômeno anômalo causa confusão entre os cientistas (os quais, normalmente, praticam a ciência normal) e isto acaba exigindo precisamente a necessidade da criação de métodos mais adequados (ciência revolucionária). No limite, a ciência revolucionária destrói o paradigma antigo na medida em que um novo vai se estabelecendo. Para ele, durante a “ciência normal”, existe a determinação dos constructos teóricos e práticos a respeito de leis da natureza, a harmonização dos fatos com a teoria e resolução de ambiguidades e problemas. Os problemas, mesmo os imensamente complexos ou desconhecidos, ainda são os esperados e os cientistas são treinados para pensar dentro destes limites. Entretanto, pode ocorrer uma crise que pode destruir um paradigma. De fato, pode surgir um problema que o paradigma não consegue resolver e isso pode persistir por anos ou, até mesmo, séculos. Se a solução, efetivamente, não for encontrada através dos métodos e teorias consagradas, o paradigma da época pode ser abandonado. Mas isto não é, em absoluto, nada simples. Crises paradigmáticas afetam a Ciência e os cientistas treinados para trabalharem dentro dos seus padrões tradicionais.

Enquanto os instrumentos proporcionados por um paradigma continuam capazes de resolver os problemas que este define, a ciência move-se com maior rapidez e aprofunda-se ainda mais por meio da utilização confiante desses instrumentos. A razão é clara. Na manufatura, como na ciência — a produção de novos instrumentos é uma extravagância reservada para as ocasiões que a exi-

gem. O significado das crises consiste exatamente no fato de que indicam ser chegada a ocasião para renovar os instrumentos (KUHN, 2013).

Os cientistas testam exaustivamente tudo o que aprenderam, mas simplesmente não encontram uma solução para o que está sendo observado quando ficam em face de anomalias. Assim, Kuhn e Kardec, em face de uma crise, apontam para uma incontornável necessidade de renovação dos instrumentais de pesquisa, em face de uma crise. Em outras palavras: se os cientistas investigarem os objetos anômalos com os métodos antigos, eles fracassarão. Outro ponto, é que os cientistas não renunciam facilmente ao seu paradigma, dado que eles podem não tratar “as anomalias como contraexemplos do paradigma. Embora, segundo o vocabulário da filosofia da ciência, elas sejam precisamente isso” (KUHN, 2013). Percebe-se que Kuhn e Kardec indicam que os cientistas são sujeitos historicamente situados que possuem suas motivações e interesses, logo, podem estar sujeitos às suas interpretações pessoais, convicções religiosas e políticas, entre outros fatores.

[...] a consciência da anomalia persistira por tanto tempo e penetrara tão profundamente na comunidade científica que é possível descrever os campos por ela afetados como em estado de crise crescente. A emergência de novas teorias é geralmente precedida por um período de insegurança profissional pronunciada, pois exige a destruição em larga escala de paradigmas e grandes alterações nos problemas e técnicas da ciência normal. Como seria de esperar, essa insegurança é gerada pelo fracasso constante dos quebra-cabeças da ciência normal em produzir os resultados esperados. O fracasso das regras existentes é o prelúdio para uma busca de novas regras (KUHN, 2013).

Caso realmente a crise permaneça e o paradigma antigo se mostre inadequado, ocorrerão “algumas conversões aos novos métodos e teorias até que, perecendo os últimos opositores, todos os membros da profissão passarão a orientar-se por um único — mas já agora diferente — paradigma” (KUHN, 2013). Em suma, a Ciência, funcionaria em espécies de ciclos nos quais temos, “ciência normal, anomalias, ciência revolucionária, crise paradigmática, novo paradigma e, novamente, recomeça o ciclo com a “ciência normal”. Kardec, mais de cem anos antes, havia dito que a investigação experimental dos espíritos demandava a adoção de novos métodos de pesquisa e implicava o fim do materialismo. De fato, Kardec e Kuhn indicam que novos paradigmas transformam completamente as visões de mundo. No caso do pedagogo de Paris, ele propõe, inclusive, ressignificações em nossos conceitos de fé e religião. Mas, qual é o paradigma que Kardec tentou estabelecer? Concordamos com Chibene:

a obra de Kardec constitui um genuíno paradigma científico, e esse paradigma representa, até hoje, a única diretriz segura ao longo da qual se podem desenvolver pesquisas científicas acerca dos fenômenos espíritas e do aspecto espiritual do ser humano em geral (CHIBENE, 1994).

Não ousamos afirmar que, atualmente, o paradigma espírita compõe a única diretriz segura para os estudos dos fenômenos anômalos, todavia, parece-nos que era exatamente isso que Allan Kardec acreditava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além dos milhões de adeptos declarados da Doutrina, o legado epistemológico do discípulo de Pestalozzi consiste em uma série de grandes inovações teórico-metodológicas as quais, inevitavelmente, apontam para a necessidade do fim do atual materialismo. Isso, sem dúvidas, é um

novo paradigma que, somente no futuro, como acreditava Allan Kardec, saberemos sobre a sua aceitação. Centenas de trabalhos científicos sobre reencarnação, mediunidade e outros temas investigados por Kardec já existem e são públicos, assim como muitos cientistas reconhecidos já afirmam que existem sérias razões para questionarmos o atual materialismo.

Por fim, se não tocamos nas questões políticas, na filosofia da história ou nas amplas e graves implicações morais que a epistemologia de Kardec suscita, podemos e devemos ao menos indicar que, ao longo de mais de um século, o seu árduo e amplo trabalho consolou e salvou milhares de vidas. Isso aconteceu mediante todos que procuraram e encontraram no Espiritismo razões para tornar o mundo dos vivos, o único lugar atualmente aceito e estudado pela Ciência, um lugar melhor.

REFERÊNCIAS

CHIBENI, Silvio Seno. O paradigma espírita. **Reformador**, Federação Espírita Brasileira, junho de 1994.

EVANGELISTA, Izáira Machado. Uma Análise do Espiritismo em Fortaleza — CE, com ênfase na Expansão Territorial do Grupo Espírita Paulo e Estevão (GEPE), na Perspectiva de Visibilidade do Espaço Religioso. **Tese de Doutorado**. Rio Claro, SP, 2013.

INCONTRI, Dora. Teria Kardec alguma relação com Maine de Biran?. **Associação Brasileira de Pedagogia Espírita**. Disponível em: <https://blogabpe.org/> Acesso em: 11 out. 25

INCONTRI, Dora, **Pedagogia espírita: um projeto brasileiro e suas raízes**. Bragança Paulista: Comenius, 2004.

INICIAÇÃO DE ALLAN KARDEC NO ESPIRITISMO. Disponível em: https://www.guia.heu.nom.br/AllanKardec_IniciacaoNoEspiritismo.html. Acesso em: 11 out. 2025.

JANIN, Julio. História da Semana. **Illustration**, 14 mai. 1853.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**, ou, Guia dos médiuns e dos evocadores: espiritismo experimental / Allan Kardec; [tradução de Guillon Ribeiro da 49. ed. francesa]. 71. ed. — Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2003.

KARDEC, Allan. Intervenção da Ciência no Espiritismo. **Revista Espírita** — Ano II — junho de 1859.

KARDEC, Allan. **O que é o Espiritismo**. Versão digital: Adaptada por: Edição digital revisada em setembro de 2018.

KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. 131ª edição — 1ª impressão.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos** — Parte Terceira — Das leis morais » Capítulo VIII — 7. Lei do progresso — Influência do espiritismo no progresso. O texto está disponível *on-line*. Disponível em: <https://www.ipeak.net/site/estudo/6711/1/influencia-do-espiritismo-no-progresso>. Acesso em: 11 out. 025.

KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 12ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

NOGUEIRA, Fausto Henrique Gomes. A Imprensa Espírita Paulista (1873–1911): sociedades de ideias, religião e transformação social. **Interações**, vol. 17, n. 2, 2022.

PIMENTEL, Marcelo Gulão. Entre o Púlpito e o Altar: Allan Kardec e os debates entre espiritismo, ciência e religião na França do século XIX (1858–1869). **Tese de doutoramento. Universidade do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2019.

TESSER, G. J. (1994). Principais linhas epistemológicas contemporâneas. **Educar Em Revista**, 10 (10), p. 91–98. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/36044>. Acesso em: 11 out. 2025.